

COLEÇÃO: CIÊNCIAS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO
Coordenadores: Maria Alice Nogueira e Léa Pinheiro Paixão

O SUJEITO DA EDUCAÇÃO
Tomaz Tadeu da Silva (org.)

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO: DEZ ANOS DE PESQUISA
Jean-Claude Forquin (org.)

NEOLIBERALISMO, QUALIDADE TOTAL E EDUCAÇÃO
Tomaz Tadeu da Silva e Pablo Gentili (orgs.)

TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO
Bruno Pucci (org.)

CURRÍCULO: TEORIA E HISTÓRIA
Ivor F. Goodson

ETNOMETODOLOGIA E EDUCAÇÃO
Alain Coulon

A ESTRUTURA DO DISCURSO PEDAGÓGICO
Basil Bernstein

CONHECIMENTO OFICIAL
Michael W. Apple

ESCRITOS DE EDUCAÇÃO
Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.)

PIERRE BOURDIEU

ESCRITOS DE EDUCAÇÃO

Seleção, organização, introdução e notas
Maria Alice Nogueira
Afrânio Catani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Escritos de educação / Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). –
Petrópolis, RJ : Vozes, 1998. – (Ciências sociais da educação).

85-326-2053-1

1. Educação 2. Sociologia educacional I. Catani, Afrânio. II. Nogueira, Maria
Alice. III. Título. IV. Série.

96-0345

CDD-370.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociologia educacional 370.19

 **EDITORA
VOZES**

**Petrópolis
1998**

As categorias do juízo professoral

PIERRE BOURDIEU
MONIQUE DE SAINT-MARTIN

Tradução: VERA S.V. FALSETTI
Revisão técnica: JOSÉ CARLOS GARCIA DURAND

Fonte: Bourdieu, Pierre e Saint-Martin, Monique de, "Les catégories de l'entendement professoral", publicado originalmente in *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 3, maio de 1975, p. 68-93.

"Por insistência da seção marxista dos estudantes, Lenine deveria fazer três conferências sobre a questão agrária na escola de altos estudos, organizadas em Paris por professores que haviam sido cassados das universidades russas (...). Recordo-me de que, antes dessa primeira conversação, Vladimir Ilitch estava muito emocionado. Mas, na tribuna, ele logo se recompôs, ou, ao menos, assim aparentou. O professor Gambarov, que veio ouvi-lo, exprimiu a Deutch sua impressão em duas palavras: "um verdadeiro professor". Ele acreditava, evidentemente, outorgar-lhe, assim, o maior dos elogios.

Leon Trotsky, Minha vida

As discussões desenvolvidas, tanto entre os etnólogos (etnociência) quanto entre os sociólogos (etnometodologia), sobre as classificações e sistemas de classificação têm em comum o esquecimento de que esses instrumentos de conhecimento preenchem, enquanto tais, funções que não são de puro conhecimento: pode-se admitir que a prática implica sempre uma operação de conhecimento, isto é, uma operação mais ou menos complexa de classificação, que nada tem em comum com um registro passivo, sem no entanto fazer disto uma construção puramente intelectual; o conhecimento prático é uma operação prática de construção que aciona, por referência a funções práticas, sistemas de classificação (taxinomias) que organizam a percepção e a apreciação, e estruturam a prática. Produzidos pela prática de gerações sucessivas, num tipo determinado de condições de existência, esses esquemas de percepção, de apreciação e de ação que são adquiridos pela prática e empregados no estado prático, sem ter acesso à representação explícita, funcionam como operadores práticos através dos quais as estruturas objetivas das quais eles são produto tendem a se reproduzir nas práticas. As taxinomias práticas, instrumentos de conhecimento e de comunicação que são a condição de estabelecimento do sentido e do consenso sobre o sentido, apenas exercem sua eficácia *estruturante* na medida em que são elas próprias *estruturadas*. Isto não significa que elas sejam passíveis de uma análise *estritamente interna* ("estrutural", "componencial" ou outra) que, arrancando-as artificialmente de suas condições de produção e utilização, não permite a si própria compreender as funções sociais das taxinomias práticas. Para acreditar nisso basta submeter à análise não mais essa ou aquela dessas *curiosa* exóticas que a distância neutraliza, terminologias de parentesco, classificações de plantas ou doenças, mas as classificações que os professores produzem cotidianamente, tanto em seus julgamentos sobre seus alunos ou seus colegas atuais ou potenciais como

em sua produção específica (manuais, teses e obras eruditas) e em toda sua prática. É na verdade mais difícil nesse caso colocar entre parênteses as funções sociais do sistema de classificação que é profundamente dissimulado e que está no princípio de todas essas classificações escolares e das classificações sociais que determinam ou legitimam as primeiras.

A JURISPRUDÊNCIA PROFESSORAL

A análise do documento excepcional que constitui o conjunto das fichas individuais mantidas, durante quatro anos sucessivos, por um professor de filosofia, em um primeiro ano superior de Paris, deveria permitir verificar *diretamente* as hipóteses que haviam sido desenvolvidas a propósito dos critérios implícitos do julgamento professoral na sua forma tradicional¹: as taxinomias, que as fórmulas rituais dos considerandos do julgamento professoral ("as apreciações") revelam e que se pode supor estruturam o julgamento professoral na medida em que o exprimem, podem ser colocadas em relação com a sanção numerada (a nota) e com a origem social dos alunos que fazem o objeto dessas duas formas de avaliação.

As operações de classificação que, nesse ponto do *cursus** escolar, são *operações de cooptação*, investidas de uma função análoga àquela que incumbe às *estratégias de sucessão* em outros universos, são, sem dúvida, o lugar privilegiado onde se revelam os princípios organizadores do sistema de ensino no seu conjunto, quer dizer, não somente os procedimentos de seleção dos quais as propriedades do corpo professoral são, entre outras coisas, o produto, mas também a hierarquia verdadeira das propriedades a reproduzir; portanto, as "escolhas" fundamentais do sistema reproduzido.

Serão analisadas assim *as formas escolares de classificação* que, como as "formas primitivas de classificação" das quais falavam Durkheim e Mauss, são transmitidas, em essência, na e pela prática, fora de toda intenção propriamente pedagógica. Essas formas de pensamento, de expressão e de apreciação devem sua lógica específica ao fato de que, produzidas e reproduzidas pelo sistema escolar, são o produto da transformação que a lógica específica do campo universitário impõe às formas que organizam o pensamento e a expressão da classe dominante.

1. Cf. P. BOURDIEU e M. DE SAINT-MARTIN, "L'excellence scolaire et les valeurs du système d'enseignement français", in *Annales*, 25 (1), jan.-fev. de 1970, p. 147-175.

* N.T.: É mantida essa palavra latina, empregada pelo autor para designar o percurso (mais ou menos longo, nesse ou naquele ramo de ensino, nesse ou naquele estabelecimento) efetuado pelo aluno no prosseguimento de seus estudos.

A construção do diagrama

Dispõe-se de 154 fichas individuais de alunas de um primeiro ano superior feminino (khâgne)* de Paris. Nesses documentos, redigidos pelos anos de 1960, constam, por um lado, a data de nascimento, a profissão e o endereço dos pais e o estabelecimento freqüentado durante os estudos secundários, e, por outro lado, as notas (5 a 6 por aluna) atribuídas aos trabalhos escritos e às intervenções orais, acompanhadas de apreciações justificativas.

Dada a natureza desse material, compreende-se que não se possa contar com informações semelhantes referentes a outras classes e determinar com todo rigor o que o objeto estudado deve às características particulares da instituição, de seu público (feminino) e do professor. Tudo parece, no entanto, garantir a *generalidade dos princípios de classificação utilizados*.

Procedeu-se, numa primeira fase, à diagonalização dos dados sobre as alunas de um dos anos estudados, segundo o método proposto por Jacques Bertin na sua *Sémiologie graphique*. Dado que a hierarquia das origens sociais assim obtida era muito próxima daquela que se pode estabelecer *a priori* tomando por critério o capital cultural da família, construiu-se sobre essa base uma nova matriz, que é aqui apresentada, a fim de verificar se a relação manifestada pela diagonal se mantinha (o que ocorreu).

Segundo o princípio de hierarquização assim adotado e que comporta evidentemente uma parte de arbitrário, vai-se das alunas oriundas das classes médias àquelas extraídas das classes superiores, e no interior destas, desde as frações mais desprovidas (relativamente) de capital cultural (industriais e quadros) até às mais ricas (professores de universidade), ocupando as profissões liberais uma posição intermediária.

Cada linha do diagrama representa o *universo dos julgamentos suscetíveis de serem feitos sobre uma aluna* pelo professor: a hierarquia dos adjetivos (agrupados em 27 classes agregando os adjetivos de sentidos próximos e freqüentemente associados nos julgamentos) é a que foi obtida por diagonalização.

Marcou-se com um *quadrado preto* a presença de um dos adjetivos da classe considerada nas apreciações feitas pelo professor sobre uma aluna determinada; por um *quadrado hachurado*, os casos em que o qualificativo é provido de uma nuance ou restrição (por exemplo, "elocução natural, mas trunçada"; "aplicada, mas servil"; "parcial, mas justo e bem conduzido"; "forma difusa e chata, mas organizada").

Colocou-se à direita do diagrama a *média do conjunto de notas* obtidas, aluna por aluna, durante o ano.

* N.T.: Khâgnes, ciclo preparatório para as Escolas Normais Superiores (área de letras, em rue d'Ulm, Sèvres, Saint-Cloud e Fontenay), ligado ao ensino secundário, e com duração de dois a três anos após o *baccalauréat*, durante o qual o candidato preparava o concurso de ingresso a uma dessas *grandes écoles* (portanto, instituições de ensino superior, independentes do sistema universitário, que recrutam por concurso e se destinam a formar as elites intelectuais e dirigentes da nação). *Taupes*, *idem*, para as *grandes écoles* científicas (rue d'Ulm, Politécnica, Central, Minas etc.).

MÁQUINA DESTINADA A CLASSIFICAR 1: da classificação social à classificação escolar

entrada	saída
Capital cultural herdado (profissão e residência do pai)	Capital escolar (nota média)
comerciante, interior	8,4
comerciante, interior	10,2
artêsão, interior	8,4
agente técnico, interior	10,4
fiscal de impostos, interior	8
agente técnico, Paris	8
fiscal dos correios, Paris	8,6
represent. de laborat., Paris	9,2
coletor de impostos, Paris	10,2
professor primário, interior	9,4
professor primário, interior	10
conselheiro pedagógico, interior	8,8
professor de CEG, Paris	8,4
grande comerciante, Paris	7,6
engenheiro, interior	9
engenheiro, interior	11,2
secretário de administração, interior	10,2
secretário-geral, interior	10,1
empres., médico, interior	13,3
fiscal de impostos, interior	10
engenheiro, Paris	8,2
engenheiro, Paris	11
engenheiro, Paris	9,7
assessor de diretoria, Paris	11
gerente de sociedade, Paris	10,2
diretor comercial, Paris	10,6
diretor de exportação, Paris	8,7
diretor de sociedade, Paris	10,7
diplomata, Paris	11,2
professor do secundário, interior	10,5
professor do secundário, Paris	12,1
farmacêutico, interior	8,4
médico, Paris	10
médico, Paris	13
cirurgião, Paris	12,6
professor de faculdade de direito, Paris	12,1
professor de faculdade de filosofia, Paris	12,1

Primeira leitura do diagrama

Vê-se, numa primeira observação, que os quadrados pretos desenham grosseiramente uma diagonal: os qualificativos mais favoráveis aparecem com uma frequência cada vez maior na medida em que a origem social das alunas é mais elevada. Observa-se também que as notas médias elevam-se à medida que se sobe na hierarquia social; portanto, à medida que cresce a frequência dos julgamentos elogiosos. Tudo parece indicar que a origem parisiense constitui uma vantagem suplementar; os parisienses obtêm, frequentemente, para origens sociais equivalentes, uma taxa mais elevada de qualificativos raros. As alunas provenientes das classes médias (que constituem mais da metade do grupo das notas situadas entre 7,5 e 10, e que estão totalmente ausentes do grupo reduzido das notas superiores a 12) são o objeto privilegiado dos julgamentos negativos - e dos mais negativos entre eles, tais como bobo, servil ou vulgar². É suficiente juntar os qualificativos que lhes são de preferência aplicados para ver composta a imagem burguesa do pequeno burguês como burguês em miniatura: pobre, estreito, mediocre, correto sem mais, inábil, gauche, confuso, etc. Mesmo as virtudes que lhes são atribuídas são também negativas: escolar, cuidadoso, atento, sério, metódico, tímido, comportado, honesto, razoável. Quando ocorre de se lhes reconhecer qualidades mais raras, como clareza, concisão, fineza, sutileza, inteligência ou cultura, é quase sempre com restrições (leremos, no quadro sinótico apresentado mais abaixo, a apreciação 1 b, mantida por seu caráter típico ideal). As alunas provenientes das frações culturalmente menos ricas da classe dominante escapam por completo às apreciações mais injuriosas e as designações pejorativas de que são objeto são frequentemente acompanhadas de restrições; elas recebem qualificações mais raras, mas ainda muito frequentemente acompanhadas de reservas. As alunas provenientes das frações da classe dominante mais rica em capital cultural escapam quase totalmente aos julgamentos mais negativos, mesmo eufemizados, assim como às virtudes pequeno-burguesas, e lhes são atribuídas com insistência as qualidades mais procuradas.

peq. burguês

De fato, o modo de classificação adotado tende a minimizar as diferenças entre as classes. A grande dispersão da distribuição dos adjetivos que ocupam uma posição mediana na taxinomia não é inteiramente imputável ao efeito desta posição nem mesmo ao efeito do agrupamento de adjetivos diferentes, mesmo próximos. Ela deve-se sem dúvida essencialmente ao fato de que o mesmo adjetivo pode entrar em combinações

2. Completamente ausentes da classe do ano estudado, as alunas oriundas das classes populares (que não ultrapassam uma ou duas por classe) são objeto de apreciações muito próximas daquelas atribuídas às alunas das classes médias.

diferentes e receber a partir daí sentidos muito diversos: é o caso em particular de qualificativos como sólido que, associado a cuidadoso e atento, pode ser apenas um modo eufemístico de reconhecer os méritos da impecável mediocridade pequeno-burguesa (o que diz admiravelmente o *sem mais* do "correto sem mais") enquanto que, combinado com inteligente ou sutil, exprime a síntese perfeita das virtudes escolares.

Observa-se, por outro lado, que, para nota igual ou equivalente, as apreciações são tanto mais severas e mais brutalmente expressas, menos eufemísticas, quanto mais baixa é a origem social das alunas. Para se alcançar a intuição concreta desse efeito, basta ler no quadro sinótico os julgamentos sobre alunas de origem social diferente que receberam notas semelhantes (quer dizer, situadas na mesma linha, por exemplo 1 b, 2 b, 3 b). Vê-se que os *considerandos do julgamento* aparecem mais fortemente ligados à origem social do que a nota em que se exprime; isto sem dúvida porque eles traem mais diretamente a representação que o professor faz das alunas a partir do conhecimento que tem de antemão do *hexis corporal** de cada uma, e da avaliação que faz em função de critérios totalmente estranhos aos que são explicitamente reconhecidos na definição técnica do desempenho exigido.

O julgamento professoral apóia-se de fato sobre todo um conjunto de critérios difusos, jamais explicitados, padronizados ou sistematizados, que lhe são oferecidos pelos trabalhos e exercícios escolares ou pela pessoa física de seu autor. A *escrita* às vezes explicitamente mencionada, quando chama a atenção pela sua "feiúra" ou "puerilidade", é percebida por referência a uma taxinomia prática das escritas que está longe de ser neutra socialmente e que se organiza em torno de oposições tais como "distinta" e "intelectual" ou "pueril" e "vulgar". A *apresentação*, que só excepcionalmente é mencionada, é também apreendida através de uma grade socialmente marcada: a desenvoltura excessiva e o cuidado meticuloso (o sublinhamento escolar e seus lápis de cor do primário) aí são igualmente condenados. O *estilo* e a "*cultura geral*" são explicitamente tomados em conta, mas em graus diferentes e com critérios variados segundo as disciplinas (por exemplo, em filosofia e em francês).

Vê-se que a cultura específica, no caso particular o conhecimento de autores filosóficos, o domínio do vocabulário técnico da filosofia, a aptidão para construir um problema e conduzir uma demonstração rigorosa etc., de fato só respondem por uma pequena parte da apreciação. Os critérios "externos", mais freqüentemente implícitos e mesmo recusados pela instituição, têm um peso ainda mais importante na apreciação das manifestações orais, posto que, aos critérios já mencionados, se junta tudo o

* N.T.: No original, *hexis corporelle*: conjunto de propriedades associadas ao uso do corpo em que se exterioriza a posição de classe de uma pessoa.

que se relaciona com a palavra e, mais precisamente, o *sotaque*, a *elocução* e a *dicção* que são as marcas mais seguras, por serem as mais indelévels, da origem social e geográfica, o *estilo da linguagem falada*, que pode diferir profundamente do estilo escrito, e enfim e principalmente o *hexis corporal*, as maneiras e a conduta, que são freqüentemente designados muito diretamente nas apreciações.

Não há dúvida de que os julgamentos que pretendem aplicar-se à *pessoa em seu todo* levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o *corpo socialmente tratado* (com a roupa, os adereços, a cosmética e principalmente as maneiras e a conduta) que é percebido através das taxinomias socialmente constituídas, portanto lido como *senal* da qualidade e do valor da pessoa. (Em razão da má qualidade das fotos colocadas nas fichas, teve-se de renunciar a pôr em relação a percepção que o professor poderia ter das alunas através da aparência física de cada uma com os adjetivos utilizados). O *hexis corporal* é o suporte principal de um julgamento de classe que se ignora como tal: tudo se passa como se a intuição concreta das propriedades do corpo percebidas e designadas como propriedades da pessoa estivessem no princípio de uma apreensão e de uma apreciação globais das qualidades intelectuais e morais.

Se os discursos encarregados de evocar *uma pessoa desaparecida* deixam tanto lugar para a descrição de sua aparência física, é que esta funciona não somente como um auxílio da memória, mas também como o *analogon* sensível de toda pessoa, o que ela foi desde o primeiro encontro: "Toda sua pessoa dava a impressão de que tinha um corpo somente porque se deve ter um, mas sem saber como usá-lo. Seu pescoço muito longo sustentava um rosto simpático e estranho ao mesmo tempo, quase sempre inclinado de um lado ou de outro. Apresentava essa tez incolor de loiro que é própria das crianças frágeis e cuidadas - talvez demais, por mulheres já idosas e amedrontadas - e olhos imensos, de um azul incerto e vagamente marítimo, um nariz quase à la Condé, e muito ao estilo século XVII e uma fronte magnificamente desenvolvida, mas não desmedida" (Notícia necrológica de Robert Francillon, in *Annuaire ENS*, 1974, p. 46). E se a intuição global que se exprime nesse retrato sustenta tão eficazmente a evocação das qualidades intelectuais e morais da pessoa, é porque o *hexis corporal* fornece o sistema de índices através dos quais é *reconhecida-irreconhecida** uma origem de classe: "fina distinção", "um poeta", "qualidades tão originais e parcialmente dissimuladas por uma timidez comunicativa", "espírito sombrio e sensível"; assim como a enu-

* N.T.: Nesta tradução, essa palavra corresponde sempre à forma verbal do original *méconnaitre*.

QUADRO SINÓTICO DE ALGUMAS APECIAÇÕES

NOTA MÉDIA	II. FRAÇÕES DAS CLASSES SUPERIORES	
	MENOS RICAS EM CAPITAL CULTURAL	MAIS RICAS EM CAPITAL CULTURAL
a entre 8 e 10	I. CLASSES MÉDIAS Pai agente técnico - Paris • boba, mediocre, alusivo, mal composto, pequenas indicações sem continuidade • resumo correto mas servil • completamente insípido • alguns bons traços (copiados?), mas secundários e difusos	Pai médico - Paris • Conhecimentos, mas emprega os conceitos filosóficos por sua cor estilística, verborrêa sonora. No entanto, saber e ordem • conhecimentos e uma certa clareza de expressão, mas nenhuma análise direta • bons elementos, mas não bem ligados, citações heteróclitas
b entre 10 e 12	Pai artesão carpinteiro - Mãe funcionária dos Correios - interior • não é imbecil, mas um pouco infantil, incompleto e inábil, mas interessante, uma certa cultura • conhecimentos de fachada, pontos de vista concisos, mas muito parciais • sincero, sério, um pouco tímido; boa utilização do alemão • mesmas observações: gauche, mas sincero, sério, bons exemplos	Pai professor de física-química - Mãe professora de ciências naturais - região parisiense • preciso, escrupuloso, claro, mas um pouco estreito • algumas bobagens bem grandes, mas qualidades • preciso e irritante: convicção e sofismas • lírio, razoavelmente bem escrito, mas nem sempre exato
c 12 e mais	Pai quadro administrativo superior - Mãe professora primária - interior • bom, cultura e reflexão, bem escrito; aventura-se por vezes além do que sabe • suficientemente bem • interessante e completo domínio	Pai cirurgião - Paris • interessante, mas desordenado • bem conciso e bem conduzido: conclusão um pouco mística demais, mas sinceramente filosófica • muito pessoal e construído, mas mal escrito • vigoroso, bem escrito • interessante, mas obscuro, não bem expresso

[É indicado, aqui, o conjunto das observações anotadas pelo professor na ficha de algumas alunas, assim como a nota média. O número de apreciações feitas a respeito de cada aluna não é o mesmo; com efeito, o professor nem sempre comentou a nota obtida pela aluna em cada dever ou interrogação.]

meração das virtudes que são atribuídas a tal outra ("capacidade de trabalho", "atividade científica variada e fecunda", "devotamento", "grande honestidade intelectual", "atividade prodigiosa e discreta", "robusto, trabalhador, sorridente e bom") não é nada mais que uma longa paráfrase das notações esparsas onde seu hexis é evocado: "uma saúde de ferro dentro de um corpo atlético", "vigoroso fanfarrão" (Notícia necrológica de Louis Réau, in *Annuaire ENS*, 1962, p. 29).

Segunda leitura. A máquina ideológica

Pode-se observar o diagrama como o esquema de determinada máquina que, recebendo produtos socialmente classificados, os restitui escolarmente classificados. Mas isto seria deixar escapar o essencial da operação de transformação que ela realiza: de fato, essa máquina assegura uma correspondência muito estreita entre a classificação de entrada e a classificação de saída *sem jamais conhecer nem reconhecer (oficialmente) os princípios e os critérios de classificação social*³. É dizer que o sistema de classificação oficial, propriamente escolar, que se objetiva sob a forma de um sistema de adjetivos, preenche uma função dupla e contraditória: permite realizar uma operação de classificação social mascarando-a; ele serve simultaneamente de intermediário e de barreira entre a classificação de entrada, que é abertamente social, e a classificação de saída, que se quer exclusivamente escolar. Enfim, ele funciona segundo a lógica da *denegação: ele faz o que faz sob modalidades que tendem a mostrar que ele não o faz*.

A taxinomia que exprime e estrutura praticamente a percepção escolar é uma forma neutralizada e irreconhecível*, quer dizer, eufemizada, da taxinomia dominante⁴: ela se organiza segundo a hierarquia das qualidades "inferiores" (populares), servilismo, vulgaridade, peso, lentidão, pobreza, etc., "médias" (pequeno-burguesas), pequenez, estreiteza, mediocridade, correção, seriedade, etc., e "superiores", sinceridade, amplidão, riqueza, naturalidade, *savoir-faire*, fineza, engenhosidade, sutileza, inteligência, cultura, etc. À parte os qualificativos que podem designar propriedades específicas do exercício escolar (parcial, sumário, confuso, difuso, metódico, obscuro, vago, impreciso, desordenado, claro, preciso, simples), a quase totalidade dos adjetivos

3. As páginas seguintes devem muito às pesquisas que conduzo, com Luc Boltanski, a respeito dos usos ideológicos da linguagem.

* N.T.: Nesta tradução, essa palavra corresponde sempre ao original *méconnaissable*.

4. Essa taxinomia prática aparece com particular clareza no discurso dedicado à celebração da obra de arte e, mais geralmente, de todos os atributos exclusivos da classe dominante (cf. P. BOURDIEU, "Les fractions de la classe dominante et les modes d'appropriation de l'oeuvre d'art", in *Information sur les sciences sociales*, 13 (3), p. 7-32).

utilizados designam as *qualidades da pessoa*, como se o professor se autorizasse da ficção escolar para julgar, à maneira de um crítico literário ou artístico, não a aptidão técnica para se conformar às exigências rigorosamente definidas, mas uma disposição global, a rigor indefinível, combinação única de clareza, de concisão e de vigor, de sinceridade, de naturalidade e de *savoir-faire*, de fineza, de sutileza e de engenhosidade.

O próprio caráter vago e fluido dos qualificativos que, à maneira dos adjetivos empregados na celebração de uma obra de arte, são o equivalente a *interjeições* não veiculando quase nenhuma informação (a não ser sobre um estado de alma), são suficientes para testemunhar que as qualidades que eles designam permaneceriam imperceptíveis e indiscerníveis para quem quer que não possuísse já, no estado prático, os sistemas de classificação que estão inscritos na linguagem ordinária. Assim, não se compreenderia o "sentido vago e afetivo" da palavra *vulgar*, ou seja, "a quem falta totalmente distinção, quem trai gostos grosseiros, independentemente da classe social", como diz *le Robert** se não tivéssemos já o sentido primeiro, primitivo, que se situa abertamente no domínio social: "de condição mediocre e baixa, e de gosto, de pensamentos ordinários, em oposição à elite (...); coisa própria às camadas mais baixas da sociedade".

Ideologia: em estado prático, produzindo efeitos lógicos que são inseparavelmente efeitos políticos, a taxinomia escolar encerra uma definição implícita de excelência que, *constituindo* como excelentes as qualidades apropriadas por aqueles que são socialmente dominantes, consagra sua maneira de ser e seu estado. A homologia entre as estruturas do sistema de ensino (hierarquia das disciplinas, das seções, etc.) e as estruturas mentais dos agentes (taxinomias professorais) está no princípio da função de *consagração da ordem social* que o sistema de ensino preenche sob a aparência da neutralidade. Na verdade, é por intermédio desse sistema de classificação que o sistema escolar estabelece a *correspondência entre as propriedades sociais dos agentes e das posições escolares*, elas próprias hierarquizadas segundo a ordem do ensino (primário, secundário, superior), o estabelecimento ou a seção (*grandes écoles* e faculdades, seções nobres e seções inferiores) e, para os mestres, segundo o grau e a localização do estabelecimento (Paris, interior). A alocação dos agentes nas posições escolares hierarquizadas constitui por sua vez uma outra mediação entre as classes sociais e as classes escolares. Mas esse mecanismo só pode funcionar se a homologia permanece oculta e se a taxinomia que exprime e estrutura praticamente a percepção utiliza as oposições socialmente mais neutras da taxinomia dominante ("brilhante"/"sem brilho", "leve"/"pesado", etc.) ou formas eufemizadas dessas oposi-

* N.T.: Dicionário francês.

ções: "sem vivacidade", cede assim o lugar a "desajeitado", "simples" a "simplório", formas aparentemente pejorativas, em realidade atenuadas pela complacência rude e paternal que elas testemunham: numerosos empregos mais típicos do uso escolar nada mais são do que eufemismos: assim, "pesado" se diz "esquemático" ou "preso ao texto"; "que se lê bem" por "leve". A brutalidade manifesta de certas qualificações – que seriam excluídas do uso ordinário onde "servil" por exemplo cede o lugar a "humilde" (os humildes) ou a "modesto" (as pessoas "modestas") – não deve enganar: a ficção escolar que quer que o julgamento se aplique a um trabalho, e não ao seu autor, o fato de que se trata de adolescentes ainda aperfeiçoáveis, portanto passíveis de tratamentos mais rudes e mais sinceros (cf. "gentil, pueril, infantil"), a situação de correção que autoriza que se inflija uma correção simbólica como em outros lugares e outros tempos se infligiam correções físicas, a tradição de dureza e de disciplina que todas as "escolas de elite" têm em comum ("ad augusta per angusta")*, nada disso é suficiente para explicar a complacência e a liberdade na agressão simbólica que se observam em todas as situações de exame.

É o campo universitário enquanto tal que, *funcionando como censura*, torna impensável tanto para aqueles que os emitem como para aqueles que são seu objeto, o deciframento da significação social dos julgamentos, assim reduzidos a simples atos do ritual desrealizado e desrealizante da iniciação escolar, da mesma forma que os anátemas coletivos. O professor pode tudo se permitir, incluindo as alusões mais transparentes à classificação social ("vulgar", "pesado", "pobre", "estreito", "mediocre", "gauche", "desajeitado", etc.) porque é fora de cogitação, aqui, que alguém possa "pensar mal"; a neutralidade escolar não passa na verdade dessa extraordinária denegação coletiva que faz por exemplo com que o professor possa, em nome da autoridade que lhe delega a instituição escolar, condenar como *escolares* as produções e as expressões que apenas são o que a instituição escolar produz e exige. Essa denegação se produz dentro e por cada um dos professores singulares que atribuem notas aos alunos em função de uma percepção escolar de suas expressões escolares (dissertação, exposições orais, etc.) e de sua pessoa total: o que é julgado é um produto escolarmente qualificado, uma cópia "sem brilho", uma exposição "apenas passável" e assim por diante: jamais um pequeno burguês. A denegação reproduz-se em e por cada um dos alunos que, por se perceber como os outros o percebem, isto é, como "sem brilho", "pouco dado à filosofia", se dedica ao latim ou à geografia. Quer dizer que o irreconhecimento** coletivo é apenas o resultado da agregação de um conjunto de denegações

* N.T.: Alcançar resultados magníficos por vias estreitas.

** N.T.: Nesta tradução, essa palavra corresponde sempre ao original *méconnaissance*.

individuais? De fato, é toda a estrutura de um sistema organizado e dividido segundo as próprias classificações que ele tem por função produzir (faculdades e *grandes écoles*, disciplinas, seções, etc.) que se exprime no sistema de classificação posto em prática pelas operações práticas de classificação e muito regularmente empregado, se bem que ele não seja *jamais explicitamente codificado*, todas as vezes que se trata de expressar uma classificação (anotações de deveres, cadernetas escolares, etc.). Enquanto *forma neutralizada* do sistema de classificação dominante que é produzido pelo e para o funcionamento de um campo relativamente autônomo e que leva ao segundo grau de neutralização as taxinomias da linguagem ordinária, a linguagem escolar contribui para tornar possível o funcionamento dos mecanismos ideológicos que não podem operar a não ser determinando os agentes a agir segundo sua lógica, o que supõe que eles lhes proponham seus objetivos de forma irreconhecível.

Sistema de classificação objetivado em instituições cujas divisões reproduzem sob uma forma irreconhecível a divisão social do trabalho, o sistema de ensino opera classificações que se traduzem primeiramente pela atribuição às classes escolares (classes, seções, etc.) e, em seguida, às classes sociais. É sem dúvida por intermédio das *classificações sucessivas* que fizeram delas o que elas são do ponto de vista da taxinomia escolar que os produtos classificados do sistema escolar, alunos ou professores, adquiriram, em graus diferentes segundo sua posição nessas estruturas, o domínio prático de sistemas de classificação tendencialmente ajustados às classes objetivas que lhes permitem classificar todas as coisas – a começar por eles mesmos – segundo as taxinomias escolares e que funcionam em cada um deles – na fé e na boa-fé mais absolutas – como uma máquina de transformar classificações sociais em classificações escolares, como classificações sociais reconhecidas-irreconhecidas. Estruturas objetivas tomadas estruturas mentais no decorrer de um processo de aprendizagem que se cumpre num universo organizado segundo essas estruturas e submetido às sanções formuladas numa linguagem igualmente estruturada segundo as mesmas oposições, as taxinomias escolares estabelecem uma classificação conforme a lógica das estruturas das quais elas são o produto. Do fato de elas encontrarem uma confirmação incessante num universo social organizado segundo os mesmos princípios, elas são postas em prática com o sentimento de evidência que caracteriza a experiência dóxica do mundo social, e seu contrário de impensado e impensável.

Os agentes encarregados das operações de classificação só podem preencher adequadamente sua função social de classificação social na medida em que ela se opera *sob a forma* de uma operação de classificação escolar, quer dizer, através de uma taxinomia propriamente escolar. Eles só fazem bem o que têm a fazer (objetivamente) porque *acreditam* fazer uma coisa diferente do que fazem; porque fazem uma coisa diferente do

que acreditam fazer; porque eles *acreditam* no que eles *acreditam* fazer. Mistificadores mistificados, eles são as *primeiras vítimas* das operações que efetuam. É porque acreditam operar uma classificação propriamente escolar ou mesmo especificamente "filosófica", porque eles acreditam atribuir diplomas* de qualificação carismática ("espírito filosófico", etc.), que o sistema pode operar uma verdadeira *reviravolta do sentido* de suas práticas, conseguindo que façam aquilo que nem "por todo o ouro do mundo" fariam. É também porque acreditam pronunciar um julgamento estritamente escolar que o julgamento social que se mascara sob os considerandos eufemísticos de sua linguagem escolar (ou mais especificamente filosófica) pode produzir seu efeito próprio: fazendo crer aos que são seu objeto que esse julgamento se aplica ao aluno ou ao aprendiz filósofo que está neles, à sua "pessoa" ou à sua "inteligência", e jamais, em todo caso, à sua pessoa social ou, mais brutalmente, ao filho do professor ou ao filho do comerciante, o julgamento escolar obtém um reconhecimento, quer dizer, um irreconhecimento, que não obteria, sem dúvida, o julgamento social do qual é a forma eufemizada. A transmutação da verdade social em verdade escolar (de "você é um pequeno burguês" em "você é trabalhador, mas não é brilhante") não é um simples jogo de escrita sem consequência, mas uma operação de alquimia social que confere às palavras sua eficácia simbólica, seu poder de agir duravelmente sobre as práticas. Uma proposição que, sob sua forma não transformada ("você é filho de operário") ou mesmo num grau de transformação superior ("você é vulgar") seria desprovida de toda eficácia simbólica e que seria mesmo própria a suscitar a revolta contra a instituição e seus servidores (se é que ela pode ser, como se diz, "concebível na boca de um professor"), torna-se aceitável e aceita, admitida e interiorizada, sob a *forma irreconhecível* que lhe impõe a censura específica do campo escolar ("eu não sou dado à filosofia"). A taxinomia escolar das qualidades escolares (proposta como tabela de excelência humana) se interpõe entre cada agente e sua "vocaçào". É ela que comanda por exemplo a orientação, em direção a tal disciplina ou tal seção, anteriormente indicada no veredicto escolar ("eu gosto muito de geografia").

Para se desembaraçar dos discursos sobre o poder do discurso, deve-se, é possível notar, relacionar a linguagem às condições sociais de sua produção e de sua utilização e, sob pena de aceitar o equivalente na ordem social do que é o poder mágico, procurar fora das palavras, nos mecanismos que produzem as palavras e as pessoas que as emitem e recebem, o princípio de um poder que uma certa maneira de utilizar as palavras permite mobilizar. O uso conforme da linguagem conforme não é nada mais do que uma das condições de eficácia do poder simbólico e uma condição que só opera sob

* N.T.: No original, *brevets*. No sistema educacional francês, o "brevet" é o certificado escolar obtido após a realização de um curso profissionalizante de 2 anos, feito em seguida ao 1º ciclo.

certas condições. Prega-se somente aos convertidos. O poder dos eufemismos escolares só é absoluto quando se exerce sobre agentes assim selecionados de modo que suas condições sociais e escolares de produção os predisponham a reconhecê-lo absolutamente⁵.

A dialética escolar do irreconhecimento e do reconhecimento assume a forma mais acabada quando a estrutura do sistema de categorias de percepção e pensamento que organizam os considerandos de julgamento escolar e esse próprio julgamento está em perfeito acordo com a estrutura dos conteúdos que o sistema escolar é encarregado de transmitir, como é o caso da cultura literária ou filosófica em sua forma escolar. No caso em que o discurso filosófico se reduz ao que freqüentemente se oferece nas classes de filosofia sob o nome de moral ou psicologia, quer dizer, uma variante universitária do discurso dominante sobre o mundo social, a harmonia é quase perfeita entre a estrutura de discurso transmitido e as estruturas de percepção e apreciação que o campo universitário impõe, tanto aos emissores quanto aos receptores desse discurso. Vê-se, por exemplo, a afinidade eletiva que une o sistema de representações e de valores objetivamente inscrito na taxinomia escolar e o discurso heideggeriano sobre o "on"* ou o "falatório cotidiano" quando, levado à sua expressão mais simples, quer dizer, à sua verdade objetiva, para as necessidades da comunicação escolar, ele se reduz à afirmação aristocrática da distância do pensador ao "vulgar" e ao "senso comum" que está no princípio da filosofia professoral da filosofia e do entusiasmo que suscita, facilmente, nos adolescentes⁶. Iniciado com a transposição que a expressão da visão dominante do mundo social produz na linguagem esotérica da tradição filosófica, o círculo de legitimação se fecha em si mesmo com o empreendimento escolar de exoterização do esotérico. Com a divulgação legítima junto a destinatários legítimos (o que faz toda a diferença entre o ensino e a simples "vulgarização") de uma versão mais ou menos simplificada (e explicitamente dada como tal) da forma esotérica da visão oficial do mundo social, termina-se e completa-se a circulação circular que define a alquimia religiosa: o efeito de autonomização e, portanto, de legitimação produzido pela transformação resultante do trabalho de eufemização e de esoterização imposto pela censura implicada nas leis específicas de um campo de produção relativamente autônomo como o campo filosófico (ou, mais geralmente, o

5. Encontrar-se-á uma outra análise dos fundamentos institucionais do poder da linguagem in P. BOURDIEU, "Le langage autorisé - note sur les conditions sociales de l'efficacité du discours rituel", in *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 5-6, novembro de 1975, p. 183-191.

* N.T.: Pronome pessoal indefinido da 3ª pessoa que desempenha sempre a função de sujeito.

6. Concordar-se-á, naturalmente, com Lacan que "a fórmula de Chainfort - 'pode-se apostar que toda idéia pública, toda convenção recebida é uma besteira, porque convém à maioria' - contentará a todos os que pensam escapar de sua lei, quer dizer, precisamente à maioria" (J. LACAN, *Écrits*, Paris, Ed. du Seuil, 1966, p. 21). Sob a condição de acrescentar: à maioria daqueles que o sistema social e o sistema escolar tratam como eleitos.

campo religioso, o campo artístico, etc.) não é anulado pela operação inversa de exoterização do discurso esotérico. O distinto e o vulgar, o raro e o comum, não mais são o que são, expressões eufemizadas, mas ainda muito transparentes dos interesses de classe, quando, ao termo de um volteio pelo céu das idéias filosóficas, retornam sob a forma pouco "comum", e no entanto tão pouco burguesa, da "pessoa" e do "on", do "autêntico" e do "inautêntico", do *Eigentlichkeit* e do *Uneigentlichkeit*, segundo o grau de iniciação do professor e dos discípulos.

O JULGAMENTO DOS PARES E A MORAL UNIVERSITÁRIA

No diagrama seguinte, primeira análise - que será aprofundada e precisada - das notícias necrológicas publicadas no *Annuaire de l'amicale des anciens élèves de l'École normale supérieure* dos anos 1962, 1963, 1964 e 1965, foram colocados em ordem os 34 antigos alunos cuja origem social estava indicada nas notícias em função da importância de seu capital cultural e social de origem tal como pode ser avaliado a partir das informações disponíveis, quer dizer, principalmente, além das indicações mais ou menos precisas sobre a atmosfera cultural da família, a profissão do pai, eventualmente da mãe, a residência dos pais no momento do nascimento*.

Os antigos alunos estudados são, na sua maioria, nascidos por volta de 1880-1890 e estiveram em atividade entre 1905 e 1955. Segue-se que a imagem do *normalien*** que se encontra evocada nas necrologias corresponde a um estado relativamente antigo do sistema. Ressalta, de uma verificação que pôde ser efetuada somente depois dessa análise, que os antigos alunos, cuja origem social não é indicada nas notícias necrológicas, não se distinguem, sob esse aspecto, de maneira significativa, da população estudada (6 são oriundos das classes médias, 5 das classes superiores e não foi possível recolher qualquer informação sobre os outros 5) e que os qualificativos que lhes são atribuídos obedecem exatamente às leis destacadas nessa análise (a consulta dos processos nos arquivos permitiu mesmo observar uma forte concordância entre as apreciações escolares que aí se encontravam consignadas e aquelas que as necrologias encerravam). Por outro lado, os antigos alunos que são objeto de necrologias não parecem tampouco se distinguir do conjunto dos alunos mortos,

* N.T.: Consulte-se no Anexo outros elementos do material empírico manejado na elaboração da análise que se segue.

** N.T.: Aluno da *École normale supérieure*. Os *normaliens*, como os demais corpos formados pelas grandes *écoles*, organizam-se corporativamente. Tanto por sua organização, quanto pela posição de hegemonia que ocupam em setores do sistema de ensino superior francês, e também pelas disposições culturais que lhes delinham a identidade, não podem ser confundidos com o normalista, professor diplomado por escola de nível médio no Brasil, razão pela qual se manteve a denominação francesa.

MÁQUINA DESTINADA A CLASSIFICAR 2: da classificação social à classificação escolar

CAPITAL CULTURAL DA ORIGEM	CARREIRA
amponeses, interior	taupe, física, interior
amponeses, interior	khâgne, latin, Paris
atoleiro, interior	khâgne, letras, Paris
zouviário, interior	Sorbonne, física
comerciante, interior	liceu, alemão, Paris
equeno funcionário público, interior	reitor de liceu, interior
representante, interior	taupe, matemática, interior
professor primário, interior	taupe, física, Paris
professor primário, interior	liceu, alemão, interior
professor primário, interior	khâgne, letras, Paris
professor primário, interior	decano de fac., química, interior
professor primário, região parisiense	khâgne - bibliotecário ENS
leitor de escola, interior	Sorbonne, inglês
diretor de escola, interior	khâgne - Sorbonne, inglês
cozista, professora primária, interior	liceu (?)
professor de inglês, interior	liceu, letras, Paris
língua de contencioso, interior	liceu, filosofia, Paris
engenheiro PLM, interior	Sorbonne, geologia
abelião, interior	Sorbonne, francês
funcionário de justiça, interior	decano de fac., filosofia, interior
funcionário de justiça, interior	Collège de France, arte
funcionário de justiça, interior	Collège de France, línguas o
funcionário de justiça, interior	Sorbonne, egiptologia
funcionário de justiça, interior	Sorbonne, história da arte
funcionário de justiça, interior	diplomata, alemão
funcionário de justiça, interior	filósofo, Paris
funcionário de justiça, interior	decano de fac., filosofia, interior
funcionário de justiça, interior	Collège de France, arte
funcionário de justiça, interior	leitor de universidade, inglês
funcionário de justiça, interior	Collège de France, línguas o
funcionário de justiça, interior	Sorbonne, matemática
funcionário de justiça, interior	decano de fac., letras, interior
funcionário de justiça, interior	decano de fac., mecânica, Paris
funcionário de justiça, interior	crômista, diretor literário, Paris
funcionário de justiça, interior	Collège de France, matemática
funcionário de justiça, interior	diplomata
funcionário de justiça, interior	Sorbonne, filosofia
funcionário de justiça, interior	Collège de France, psicologia
funcionário de justiça, interior	Collège de France, psicologia

salvo, provavelmente, no que tange à vinculação à escola. Assim, parece que, entre aqueles que são objeto de uma nota necrológica, os subscritores perpétuos são ligeiramente mais numerosos do que os outros. Enfim, tudo parece indicar que a relação entre o autor e o objeto da notícia necrológica não é aleatória e que eles em geral têm em comum a origem social grosseiramente definida, a disciplina e o tipo de carreira.

Essa classificação não está evidentemente isenta de arbitrariedade, em particular no que concerne aos alunos oriundos do alto da pequena burguesia e da burguesia: não é apenas a insuficiência das informações disponíveis que está em questão (continua sendo desconhecido o grau dos oficiais e principalmente sua formação - Saint-Cyr ou Polytechnique por exemplo; ainda não se sabe o estatuto exato dos professores; ignora-se a importância das empresas industriais e comerciais, etc.); uma história social da estrutura da classe dominante e da evolução da posição diferencial das diferentes profissões nessa estrutura é a condição prévia (soberbamente ignorada por todos os estudos de "mobilidade") de toda análise rigorosa das trajetórias sociais (e, a fortiori, do estabelecimento de uma hierarquia unilinear que é tentado aqui para as necessidades de análise). Além disso, é extremamente difícil avaliar o peso relativo da situação profissional da família e de sua residência: tudo leva a pensar que a esse nível muito elevado do cursus, onde são exigidas com mais insistência as qualidades associadas à imagem universitária da excelência, a oposição entre a origem parisiense e a origem provinciana (redobrada ainda pela oposição entre as pessoas de *langue d'oïl** e as pessoas de *langue d'oc**, que permanece inscrita nos habitus sob a forma de *sotaques*), tem um peso determinante.

Tendo constituído, ao termo do exame de uma dezena de anos do *Annuaire*, 26 classes de qualificativos, marcaram-se por um quadrado negro (sem jamais passar 10 notações) as qualidades (evocadas mais freqüentemente por adjetivos) que aparecem como dotadas do maior peso relativo dentro de cada uma das notícias consideradas (porquanto, nas notícias mais longas, elas eram evocadas várias vezes, ou, nas mais breves, estavam sublinhadas pelo vigor ou ênfase da expressão empregada: "da raça dos grandes filósofos"; "uma grande figura da ciência francesa"). O último julgamento que o grupo estabelece sobre um de seus membros por

Sobre 17
p. 202

* N.T.: *Langue d'oc*, língua que se falava na região sul do vale do Loire na Idade Média; *langue d'oïl*, língua falada durante a Idade Média na região norte do Loire. Essas denominações referem-se às distintas maneiras de pronunciar-se o *oui*. A *langue d'oïl* prevaleceu sobre a *langue d'oc* e deu origem ao idioma francês atual.

7. Apenas são mencionados nas notas necrológicas os desvios de sotaque em relação ao sotaque conforme e, entre eles, os sotaques do Sul da França. "Seu sotaque rude dos Pireneus, rolando os 'r' e dobrando algumas consoantes", Notícia de G. Rumeau, nascido em Arbœost (Altos Pireneus), filho de professor primário, in *Annuaire ENS*, 1962, p. 42; "Uma voz grossa, que não recusava as vibrações do torrão natal", Notícia de A. Montsarrat, nascido em Castres (Tarn), in *Annuaire ENS*, 1963, p. 54.

intermédio de um porta-voz devidamente incumbido (o elogio compete a um camarada de turma e é somente em caso de força maior que tal tarefa é confiada a uma outra pessoa, em geral um aluno, mas *sempre normalien*, como no júri do concurso de entrada) é sempre o produto do trabalho coletivo cujo indício aparece algumas vezes, quando o autor compila ou integra informações e julgamentos emitidos por diferentes pessoas. O redator da notícia necrológica leva em conta evidentemente o ponto de chegada da trajetória universitária que pode, em certos casos, corrigir "a intuição originária", freqüentemente resumida na evocação de um hexis corporal e de um sotaque: quer dizer, que não é possível supor entre o sistema de qualificativos e o ponto de chegada da trajetória social uma relação perfeitamente idêntica àquela que se estabelecia entre a origem social, as apreciações marginais e a nota. De fato, o que a necrologia restitui, como a apreciação professoral em um outro ponto do cursus, é a *representação social escolarmente constituída* que está no princípio de todas as operações escolares de apreciação e cooptação: é pela mediação e sob a proteção dessa representação - na qual a representação escolarmente constituída do hexis corporal entra como parte determinante - que opera a origem social, jamais tomada enquanto tal por princípio dos julgamentos (É significativo que, apesar das convenções do gênero biográfico, ela esteja ausente de muitas necrologias - aqui 16 sobre 50 - e que os mais próximos universitariamente tenham sido obrigados freqüentemente a proceder a pesquisas expressas para estar em condições de liberar essa informação). O sistema dos adjetivos utilizados desenha o universo das *virtudes professorais* que, à semelhança das carreiras universitárias, às quais elas dão acesso, são hierarquizadas. A verdade desse universo que, enquanto tal, tende ao fechamento em si, não se depreenderia completamente a não ser pela comparação com outros universos de virtudes, associados a outras posições no campo da classe dominante (espera-se retornar as variantes da moral dominante correspondentes às diferentes frações da classe dominante pela análise comparativa de um conjunto de discursos de celebração - elogios fúnebres, discursos de recepção, etc. - nos quais diferentes grupos se celebram a si próprios, celebrando um de seus membros). No entanto, tocam-se muito concretamente os limites de um sistema de classificação que se propõe com a aparência de universalidade quando se observa que ele se revela completamente inoperante para nomear e elogiar as virtudes daqueles *normaliens* que saíram do universo universitário, os dois diplomatas, cujo elogio é confiado a outros desertores gloriosos; entra-se num universo de discurso ("a dedicação a seu país", "carreira dedicada ao serviço exclusivo do Estado") que anuncia um universo completamente diferente, antagonista, até mesmo antinômico ("sem vocação para o ensino - encontrando-se bloqueado no contexto antiquado de uma classe. Todas as suas aspirações impeliam-no para horizontes mais largos"), o da alta função pública ou da grande burguesia de negócios.

Vê-se que o sistema de classificação escolar (obtido aqui através dos adjetivos empregados no elogio fúnebre) continuou a funcionar ao longo da carreira universitária como instrumento dissimulado de *classificação social* é notável que no conjunto dos "antigos alunos" formalmente iguais e realmente igualados - do ponto de vista dos critérios escolares - pelo efeito de superseleção, o sistema escolar tenha continuado a estabelecer, em função dos mesmos critérios por meio dos quais foram selecionados, hierarquias diretamente manifestadas nas carreiras universitárias. Tudo se passa com efeito como se os *normaliens* se encontrassem destinados a trajetórias muito estreitamente proporcionais à sua origem social num espaço universitário muito rigorosamente hierarquizado segundo a instituição (do *Collège de France* ao liceu), a residência (de Paris à pequena cidade do interior) e a disciplina (da filosofia às línguas vivas e da matemática à química). Sobre os 15 antigos alunos oriundos das classes populares e médias, doze tornaram-se professores de ensino secundário ou secundário superior (*khâgne e taupe*), e somente três, professores do ensino superior, mas nas disciplinas universitariamente tidas como inferiores (línguas vivas, química, física) e/ou no interior; ao contrário, sobre os 19 antigos alunos oriundos das classes superiores, somente dois tornaram-se professores de ensino secundário, enquanto dois orientavam-se para a diplomacia, outros dois tornavam-se escritores e treze, professores de ensino superior, a maioria em Paris e quatro deles no *Collège de France*.

Deve-se evitar o estabelecimento de uma relação de causalidade mecânica entre a origem social e o êxito universitário: produtos classificados, os professores não cessam de se classificar a si próprios - na auto-avaliação permanente onde se definem inseparavelmente as "ambições" e a auto-estima - segundo os sistemas de classificação escolar; ou seja, suas "aspirações" e suas "escolhas de carreira" precedem os julgamentos que o sistema fará sobre suas ambições. Nesse sentido, as notícias necrológicas só são aparentemente enganosas ao elogiar a modéstia dos que sacrificaram "uma brilhante carreira" na Faculdade ou em Paris, pelas alegrias da vida no interior ou em família: tanto é fechada a dialética das oportunidades objetivas e das aspirações, que é em vão tentar separar os determinismos objetivos e a determinação subjetiva. Os provincianos não quiseram uma Paris que não os quera; os professores do secundário recusaram a Faculdade tanto quanto ela lhes era recusada. Toda socialização bem-sucedida tende a obter dos agentes que eles se façam cúmplices de seu destino.

As escolhas infinitesimais (apresentar um tema de tese ou não, sobre tal autor ou tal outro, com este ou aquele orientador, etc.) através das quais se desenha uma trajetória conducente a posições anteriormente determinadas constituem já outras tantas contribuições para o trabalho de desinvestimento que levará, ao preço de alguns artifícios da má-fé, ao *amor fati*, virtude fúnebre que celebram as notícias necrológicas. A independência

relativa dos diferentes princípios de hierarquização (estabelecimento, resistência, disciplina) produz um efeito de ruído que contribui muito fortemente para facilitar esse trabalho de desinvestimento: o professor de filosofia de um liceu parisiense não tem dificuldade em convencer-se, por pouco que escreva nos jornais ou revistas intelectuais, que nada tem a invejar no professor de inglês de uma faculdade do interior. E inversamente. É assim que o trabalho de celebração que é imposto pelas leis do gênero necrológico dá uma idéia suficientemente justa do "trabalho de luto" graças ao qual aqueles que se acreditavam "prometidos às mais altas destinações" podem sempre se restabelecer na estima de si.

O campo das trajetórias possíveis

As classes que produzem as taxinomias escolares estão unidas por relações que não são nunca de pura lógica porque os sistemas de classificação do qual elas são o produto tendem a reproduzir a estrutura das relações objetivas do universo social do qual eles próprios são o produto. No caso particular, a hierarquia que se observa no universo das virtudes professorais, quer dizer, no universo das maneiras de realizar a excelência universitária, corresponde estreitamente à hierarquia das carreiras possíveis, isto é, à hierarquia das instituições de ensino. Tudo se passa como se, no interior desse universo de qualidades hierarquizadas que o corpo professoral reconhece como suas reconhecendo-as nos melhores dos seus, cada agente se encontrasse objetivamente situado pela qualidade das suas virtudes. A série dos adjetivos recenseados desenha o campo das qualidades professorais professoralmente reconhecidas que se manifesta desde as qualidades mínimas, esperadas de todo "educador da juventude", - virtudes domésticas do bom pai e do bom marido ou virtudes profissionais - até às qualidades supremas, negação do aspecto negativo das virtudes mais ordinárias que não vai jamais até à negação dos princípios positivos dessas virtudes (o grande filósofo é elogiado também por suas qualidades de pai de família ou sua vinculação à escola).

É relativamente arbitrário dissociar as qualidades de homem dos professores de suas qualidades intelectuais, tamanha é a endogamia professoral. Do levantamento que conduzimos em 1964 sobre as estratégias matrimoniais de 6 turmas (1948 a 1953) de *normaliens* literários (n = 155, ou seja, uma taxa de respostas de 83%), nota-se que entre os *normaliens* casados - que representam 85% do todo - 59% esposaram uma professora; dos que o fizeram, 58% uniram-se a uma *agrégée** e 49% destes últimos a uma *seuriènne*** (quanto aos outros, suas esposas pertencem a profissões inte-

* Pessoa que obteve êxito no concurso de "agrégation", tornando-se, portanto, portadora do título de "agrégée" e titular do posto de professor de liceu ou de faculdade

** Aluna da *École normale de Sévres*.

lectuais em 6% dos casos, a profissões liberais em 4% dos casos, aos quadros médios em 2% dos casos, não exercendo profissão no momento da pesquisa em 28% dos casos). Não se pode superestimar o grau em que esse tipo de estratégia matrimonial contribui para o fechamento em si do universo hiperprotegido do professor universitário.

É por referência à estrutura desse campo das qualidades objetivamente oferecidas a todo *normalien* ao entrar na carreira professoral que se define objetivamente o valor social das virtudes atribuídas a cada um. Da mesma forma, a série de posições que o *Annuaire de l'Amicale des anciens élèves* enumera cada ano - e que, na amostra estudada, vai do professor de filosofia no *Collège de France*, ao professor de línguas vivas em um liceu do interior - delimita o campo das trajetórias possíveis, para uma determinada coorte de *normaliens*⁸; e é também por referência a esse espaço dos possíveis, a que a indiferenciação inicial das trajetórias confere uma realidade vivida, que se define objetivamente o valor social das trajetórias individuais, valor esse que dá fundamento objetivo à experiência do êxito ou do fracasso. Segue-se que as virtudes e as carreiras, que são louvadas inseparavelmente nas notícias necrológicas, são o objeto de uma percepção e de uma apreciação duplas: formadas nelas mesmas e para elas mesmas, as virtudes inferiores, a título de componentes mínimos, mas também fundamentais, elementares e banais, mas também primordiais da definição universitária da excelência, constituem o objeto de um reconhecimento absoluto e incondicional, bastando a ausência dessas qualidades para colocar em questão a participação no grupo: mas, de outro lado, não se pode jamais esquecer totalmente a verdade do ascetismo universitário - necessidade feita virtude - e da forma completamente negativa da excelência universitária que se reduz a esse ascetismo: essas vidas simples e modestas, plenas de sabedoria e de serenidade interior, de resignação e de dignidade, de retidão e de dedicação, essas virtudes de sábio, cem vezes elogiadas, que cultiva seu jardim, percorre - sacola nas costas - as montanhas e vela por suas crianças, não podem deixar de mostrar a que servem uma vez recolocadas no campo das trajetórias possíveis. As virtudes inferiores, e também as virtudes médias, já mais específicas e menos exclusivamente morais, tais como as aptidões pedagógicas - clareza, naturalidade, método - ou as qualidades intelectuais inferiores - erudição (memória), precisão - jamais passam de virtudes dominadas, formas mutiladas das virtudes dominantes que só podem reencontrar seu pleno

8. Esta série é um bom indicador empírico do valor do diploma de *normalien* no mercado e é a partir de um conhecimento mais ou menos exato do "valor" do diploma que aí se exprime que se constitui a visão subjetiva do campo dos possíveis que define as aspirações e as expectativas num dado momento. Sobre a relação entre a trajetória e o campo das trajetórias possíveis, cf. P. BOURDIEU, "Avenir de classe et causalité du probable", in *Revue française de sociologie*, XV, janeiro-março de 1974, p. 3-42, especialmente p. 14 [N.T.: Este artigo encontra-se traduzido na presente coletânea, cf. o "Futuro de classe e causalidade do provável"].

valor quando associadas às virtudes dominantes, capazes de compensar e de salvar o que nelas resta de empobrecimento e de mediocridade escolar: a erudição só vale plenamente se for "ornada de elegância" e o erudito, se não for "fechado na sua especialidade". Tomando pouco a pouco todo o espaço dos elogios, à medida que se rarefazem as virtudes superiores, as virtudes morais não podem ser nada mais do que os limites das virtudes intelectuais permitem aceitar, num universo em cuja culminância estão estas últimas. Lá ainda, a mais cínica verdade manifesta-se sempre sob a mais encantada celebração: é realmente significativo que os elogios associem quase sempre as virtudes dominadas às virtudes de resignação que permitem aceitar uma posição inferior sem sucumbir ao ressentimento que é a contrapartida normal do superinvestimento frustrado, recusa das honras, retidão moral, modéstia, discrição. E os obscuros encontram nos elogios a lógica de um sistema que valoriza a modéstia e o desdém pelas honras quando, por uma estratégia típica de reviravolta do pró ao contra, eles tentam transformar sua obscuridade em escolha da virtude e assim lançar o descrédito ou a suspeita sobre os prestígios necessariamente mal adquiridos das glórias muito brilhantes⁹.

A resignação e a sabedoria que os memorialistas oficiais elogiam encontram um fundamento objetivo na autonomia relativa de que dispõem as diferentes ordens de ensino no interior de um campo globalmente hierarquizado. Cada um desses subcampos oferece um modo de realização particular à ambição da mais alta trajetória que está implicada no pertencer à classe dos *normaliens* (como direito de preferência sobre um campo de possíveis) sob a forma de uma trajetória ao menos subjetivamente incomparável a qualquer outra: é o professor *agrégé* de filosofia de um pequeno liceu do interior que provoca a admiração e o respeito de seus colegas menos titulados pela simplicidade de suas maneiras e sabedoria toda filosófica de sua existência; é o professor de *khâgne* ou de *taupe*, rodeado da admiração absoluta de gerações sucessivas de pretendentes ao título de *normalien* que o envolvem na representação sacralizante que fazem da Escola e que, por sua alta qualidade escolar, fazem-no participar de um universo de dignidade universitária superior à das faculdades (Alain); e assim por diante, em todos os níveis.

Eis duas ilustrações entre mil: "Outro dia, vestido improvisadamente e levando a Saint-André um caminhão de esterco pela estrada tortuosa, ele parou para queimar um cigarro sentado em um banco, de onde se tinha uma bela vista, e respirar um pouco. Apareceu uma família de cidadãos

9. Jamais elogiada como um valor digno de ser procurado por si próprio, a obscuridade não pode ser reconhecida, exceto sob a forma das virtudes positivas que presumidamente supõe desdém pelas honras e recusa da busca de sucessos extra-universitários. Como testemunho, esta frase pronunciada, há 20 anos, por um professor da Sorbonne diante de um candidato conhecido fora do meio universitário por seus escritos de ensaísta e jornalista: "O senhor não é suficientemente obscuro".

em férias que veio sentar-se perto dele. O pai mostrou aos filhos a beleza da paisagem e do campo, e citou-lhes em latim um verso das *Geórgicas*, levantando-se, Passeron recitou os versos seguintes e subiu novamente no caminhão, deixando-os estupefatos, e cheios de admiração por esses camponeses do Condado de Nice, que sabiam Virgílio e, ainda por cima, de cor!" (Notícia necrológica de Jacques-Henri Passeron, in *Annuaire ENS*, 1974, p. 120). "Foi então que descobriu que fora precedido por um alemão que se havia apressado em publicar seus resultados (...). Dessa descoberta, ele saiu profundamente decepcionado e meio desamparado, e, apesar de todo o encorajamento que recebeu, pediu para retornar ao secundário (...). Em *La Flèche** como na escola, ele vivia suficientemente apagado, unicamente para os seus, à margem da vida pública e, no entanto, era muito conhecido em toda a cidade e particularmente estimado. É porque ele sabia servir na hora certa e sempre com simplicidade (...). De extrema modéstia, sem ambição alguma, nunca tendo pedido nada, ele permaneceu 35 anos em *La Flèche*, até a aposentadoria" (Notícia necrológica de Paul Blassel, in *Annuaire ENS*, 1962, p. 41).

O ascetismo aristocrático

Assim todo *normalien* participa, em graus diferentes, desse universo de virtudes que os *normaliens* reúnem naturalmente sob o adjetivo *normalien* ("humor *normalien*"): nessa combinação única de virtudes intelectuais e morais em que "a elite" do corpo professoral se reconhece e que fundam sua convicção de constituir uma elite simultaneamente intelectual e moral, se exprime toda a posição desse corpo na estrutura das relações de classe. Ocupando uma posição temporalmente dominante (em relação aos artistas), em uma fração dominada da classe dominante, os professores constituem uma espécie de alta pequena burguesia votada ao *aristocratismo da moral e da inteligência*. As disposições que caracterizam propriamente os professores em oposição aos "burgueses" (fração dominante) e aos "artistas" (fração temporariamente dominada da fração dominante) encontram seu princípio no fato de que eles se situam no meio termo entre as duas hierarquias, segundo as quais se dividem as frações da classe dominante - a hierarquia do poder econômico e político e a hierarquia da autoridade e do prestígio intelectuais: muito "burgueses" aos olhos dos escritores e dos artistas, dos quais se separam por suas condições de existência e seu estilo de vida, e muito "intelectuais" aos olhos dos "burgueses" com os quais não podem partilhar completamente o estilo de vida (salvo na ordem do consumo dos bens culturais), só podem encontrar a compensação de sua dupla meia-derrota na resignação aristocrática ou nas satisfações associadas à vida doméstica que suas condições

* N.T.: Colégio militar de nível médio.

de existência, assim como as disposições ligadas à sua trajetória social e as estratégias matrimoniais correlatas tornam possível¹⁰. Por suas virtudes domésticas, pelo ascetismo aristocrático que está no princípio de seu estilo de vida e que oferece um último recurso à auto-estima quando desaparecem todos os outros princípios de legitimação, e também pela adesão ao mundo e às grandezas desse mundo de que é testemunha esse tipo de espírito de "serviço público" e de "devotamento", freqüentemente consagrado por condecorações, que conduz às carreiras administrativas, os professores são mais próximos à alta função pública do que os intelectuais e artistas cujo culto celebram. A dupla verdade desse corpo, que não pode cumprir seus mais altos valores sem sacrificar aqueles que correspondem à sua própria função, lê-se no julgamento que o reitor de Lille fazia de Jules Romain, então jovem professor de filosofia num liceu: "Espírito cultivado, original, provavelmente um pouco distraído por suas ambições literárias, aliás, bastante legítimas" (Notícia necrológica de Jules Romain, in *Annuaire ENS*, 1974, p. 43). Essa contradição, que está inscrita na própria definição do cargo e é reproduzida pelas características sociais dos agentes, é superada somente por aqueles que realizam o ideal proclamado da excelência intelectual, mas saindo do campo universitário (ou nele ocupando "lugares livres" como o *Collège de France*). Mais ainda que a dupla renúncia, intelectual e temporal, que sua posição dominada em um universo temporalmente dominado impõe às camadas inferiores do corpo professoral, é a meia consagração temporal das camadas médias que faz perceber a verdade do ascetismo e do desdém professoral pelas honras, inversão simbólica de uma despossessão: aqueles que realizam o ideal intelectual dentro dos limites da universidade, atingindo assim essa forma inferior (do ponto de vista dos próprios critérios que eles reconhecem) da glória intelectual que o campo universitário pode oferecer e aqueles que se apropriam e se acomodam (são freqüentemente os mesmos) aos poderes oferecidos pelo universo do não-poder, reconhecem assim a dupla ambição que está inscrita na sua dupla meia-vitória.

* Os esquemas professorais de percepção e de apreciação funcionam também como esquemas geradores que estruturam toda prática e, em particular, a produção dessa categoria particular de produtos culturais que são os trabalhos propriamente universitários, cursos, manuais ou teses de doutorado. Na ordem das virtudes intelectuais chegar-se-ia ao equivalente das contradições encontradas na ordem das qualidades morais, se se analisasse tudo o que esses produtos ficam devendo às suas condições

10. A análise de uma amostra de professores universitários e de escritores ou artistas inscritos no *Who's who in France* (edição de 1969-1970) fez aparecer um conjunto de diferenças sistemáticas entre essas duas populações. Os professores universitários caracterizam-se por um número médio de filhos mais elevado (2,39) do que os escritores ou artistas (1,56), uma taxa menos elevada de solteiros ou de divorciados (respectivamente 0,9% e 0,9% contra 16,6% e 10,7%), uma taxa bem mais elevada de condecorações (65,1% possuem a legião de honra contra 39,2% dos intelectuais).

sociais de produção e de utilização, e, em particular, à contradição entre o imperativo de cultura e ecletismo, na tradição da Suma, e o imperativo de originalidade, contradição inscrita nos próprios objetivos de uma *empresa de produção cultural para as necessidades de reprodução* que por isso comporta sempre uma parte de simples reprodução (cada vez mais fraca e sobretudo cada vez mais bem dissimulada quando se vai das formas inferiores, manuais, até às formas superiores, teses de doutorado).

Os professores do secundário não são produtores de obras (com exceção de um, autor de traduções); a produção dos professores de *khâgne* e *taupe* se compõe quase exclusivamente de manuais, de obras didáticas diversas. "No momento de sua publicação, esses livros, bem concebidos e claramente escritos, são atualizações precisas e excelentes ferramentas para os alunos" (Notícia necrológica de Guillaume Rumeau, professor de física de *taupe*, in *Annuaire ENS*, 1962); quanto à produção de altos funcionários da Educação Nacional, inspetores gerais ou reitores, pode-se aplicar-lhe os mesmos termos empregados para caracterizar a obra do decano Hardy: "Mas, para Hardy, desde a sua chegada a Dacar, a grande tarefa é fornecer ao ensino os manuais, as obras necessárias para a 'programação' dos diversos planos de estudos. Hardy dá o exemplo, abre os caminhos, lança coleções. Publica livros de ensino que vão do manual ou tratado didático ao livro de síntese provisória" (in *annuaire ENS*, 1965, p. 38). A maior parte dos professores do ensino superior produziu teses e obras de síntese ("Este amplo estudo, uma verdadeira contribuição para as pesquisas de literatura comparada", notícia necrológica de Émile Pons, in *Annuaire ENS*, 1974, p. 53; "Um verdadeiro sucesso de luminosa síntese e de vasta e discreta erudição". Notícia necrológica de Aurélien Digeon, in *Annuaire ENS*, 1963, p. 58); e excepcionalmente romances, ensaios "originais" escritos com "espírito", "finesse", "charme", "lucidez". Não se fala de "obra", no sentido em que o meio intelectual dá a essa palavra, ou de "grande obra", a não ser a propósito dos professores do *Collège de France*.

Na verdade, uma ciência das produções acadêmicas deveria levar em conta tudo o que se refere à posição do campo universitário na estrutura das relações de classe e em particular o aristocratismo moral e intelectual que está no princípio, por exemplo, da atmosfera de espiritualismo e idealismo na qual se enleva o ensino literário e filosófico, por um desdém aristocrático em relação a todas as formas de pensamento "vulgares", combatidas por anátemas diversos, positivismo, materialismo, empirismo. Os esquemas de percepção e de apreciação que a análise sociológica das necrologias exuma estão em prática na leitura universitária de Epicuro ou de Spinoza, de Racine ou de Flaubert, de Hegel ou de Marx. As obras cuja conservação e consagração incumbem ao sistema de ensino são assim continuamente reproduzidas ao preço de uma distorção tanto maior quanto mais os esquemas que as engendraram estão distantes daqueles que lhes aplicam os *intérpretes credenciados*, convencidos de que não podem

fazer nada melhor além de lê-las "com as lentes de sua própria atitude", como dizia Weber, e criá-las assim à sua própria imagem. Essas disposições genéricas encontram-se na verdade especificadas pela posição que cada leitor ocupa no campo universitário. Vê-se, por exemplo, o que a mais comum leitura de textos antigos (o jardim de Epicuro) pode dever às virtudes dos jardineiros provincianos, e a interpretação ordinária e extraordinária de Heidegger a esse aristocratismo da inteligência que evita nos caminhos da floresta ou nas estradas da montanha as populações fracas e vulgares, ou seu *analogon* concreto, os (maus) alunos sempre renovados que devem ser arrancados sem cessar das tentações mundanas para se lhes impor o reconhecimento dos verdadeiros valores.

ANEXO

EXTRATOS DE RELATÓRIOS DE JÚRIS DE CONCURSOS

École normale supérieure, 1965

"As afirmações maciças, elefantescas e os intermináveis parágrafos pré-fabricados; um tom pessoal e uma rara concisão de estilo, os 'carrés'* se revelam mais vivos na conversação, mais despertos, mais disponíveis".

Agrégation em letras, Homens, 1959

"Um sentido literário delicado e uma real concisão de pensamento (p. 20); a frouxidão da elocução e a hesitação da palavra (...), um tom categórico e uma falsa segurança (p. 21); algumas explicações penetrantes e delicadas (p. 23); um magna de palavras, por vezes, marcadas por entonações vulgares; um palavrório vazio e vão, uma seqüência bizarra de observações superficiais (p. 27); ele soube colocar em prática de maneira inteligente seus conhecimentos... e chegar assim a um julgamento tão nuançado, tão pessoal (p. 26); uma língua verdadeiramente muito corrompida. Mistura de negligência e pretensão; essa disparidade é tão desagradável quanto a visão de jóias de fantasia sobre uma pele suja. (...) como os pensamentos (...) podem se exprimir de maneira tão estridente e freqüentemente tão desprezível? (p. 28). Uma apresentação que revelava a inteligência, por vezes a fineza e o sentido literário do tradutor (p. 29); uma reprodução servil de palavras latinas; uma série de retoques, verdadeira pasta verbal inerte (p. 30)".

* N.T.: O termo "carré" designa o estudante que cursa o 2º ano das *grandes écoles*.

Agrégation em letras modernas, Homens, 1965

"Compilações ruins e maciças (p. 9); vocábulos vis e impuros que mais vale suprimir completamente. Na *agrégation* não é admissível o espírito fácil, nem a banalidade, nem a vulgaridade, nem a agressividade (p. 11); um concurso sem brilho (p. 14); sua nulidade agressiva estava bem próxima da insolência (p. 19); o jargão, a negligência, a pretensão serão punidos (p. 22); espécimes consumados de uma ignorância crassa (p. 24); a sensibilidade literária e a cultura geral (...) dão a medida das qualidades pessoais daquele que fala; uma elocução natural (p. 35)".

Agrégation em letras clássicas, Mulheres, 1974

"Monotonia e pobreza no vocabulário, falta de elegância na expressão; a oradora (...) prisioneira um pouco lúgubre; caricaturas incômodas; a recitação passiva; uma exposição inútil" (p. 22-24).

TAXINOMIAS E RITOS DE PASSAGEM

Do rito de agregação ao julgamento último do grupo

É o mesmo sistema de classificação que continua a funcionar ao longo do *cursus* escolar, trajetória estranha na qual todo mundo estabelece classificações e todo mundo é classificado, sendo que os melhores classificados tornam-se os melhores classificadores daqueles que entram no circuito: isso ocorre desde o concurso de ingresso na *École normale* ao concurso de *agrégation*; do concurso de *agrégation* ao doutorado; do doutorado à *Sorbonne* ou ao *Collège de France*; do *Collège* ao *Institut*, fim da trajetória, em que os "mais bem classificados" de todos os concursos comandam *de facto* todas as operações de classificação controlando o acesso à instância de classificação de nível imediatamente inferior que, por sua vez, controla a seguinte e assim por diante. Esta regulação externa que se impõe através da hierarquia das instâncias – o professor universitário cioso de melhorar sua classificação deve respeitar as classificações em vigor, tanto nas suas produções como na sua prática universitária – não faz nada mais do que reforçar os efeitos das disposições automaticamente ajustadas e conformes que foram selecionadas e inculcadas através de todas as operações anteriores de classificação.

* * *

Documento de primeira linha para uma análise dos valores universitários, as notas necrológicas – em particular aquelas que o *Annuaire de l'Association amicale des anciens élèves de l'École normale supérieure* publica – colocando ainda em prática, no julgamento último que o grupo faz de um de seus membros desaparecidos, os princípios de classificação que determinaram

sua agregação ao grupo. Nada de surpreendente haverá se, nesse último exame, os "camaradas desaparecidos" se virem classificados como sempre foram classificados em vida, quer dizer, em função de qualidades universitárias sutilmente hierarquizadas que, nesse momento final do cursus, ainda mantêm uma relação imediatamente visível com as origens sociais. Aos mais obscuros, pequenos professores do interior, atribuem-se as qualidades mínimas, as do bom professor, mais comumente associadas às do bom pai e do bom marido. Em seguida, vêm as qualidades intelectuais de grau inferior, a seriedade, a erudição, a probidade, ou as qualidades superiores aplicadas a atividades inferiores, como as traduções, as edições críticas, obras um pouco "escolares" que o sistema escolar, como se sabe, jamais reconhece plenamente. Mais adiante, as virtudes menores dos servidores da cultura, as qualidades primeiras, essas que distinguem os professores universitários capazes de demonstrar sua excelência transgredindo os limites da definição universitária de excelência. E a suprema homenagem que, por intermédio de um de seus próximos (universitariamente), o grupo atribui àquele que realiza seu ideal de excelência, consiste em situá-lo naquele ponto além das classificações escolares já previsível pelas mesmas.

EXTRATOS DE NOTÍCIAS NECROLÓGICAS

Paul Sucher

Nascido em Versailles, em 10 de janeiro de 1886
pai comerciante

"Depois de sua monografia sobre Hoffmann, numerosas traduções mostram a facilidade, a elegância e a exatidão com que ele sabia transpor os textos, enquanto longas introduções fazem ressaltar sempre o essencial dos problemas literários por vezes confusos e controvertidos.

(...) Em pouco tempo, Sucher poderia ter feito uma excelente tese que lhe teria aberto o acesso a nossas Faculdades, para grande alegria dos seus antigos professores. Não acredito que ele tenha sido impedido por dificuldades que nada significavam para ele, nem pelas exigências de um trabalho de erudição ao qual se dedicava, quando bem entendia, por gosto e com naturalidade. Sua vida interior era-lhe suficiente: a leitura, a meditação, as viagens, as longas estradas percorridas a pé, mochila nas costas, ou em bicicleta, os largos horizontes conquistados nos Alpes com a força das pernas ou com os dedos cravados nos rochedos, a vida agradável no lar que montou em 1926 ao casar-se com uma de nossas colegas do ensino público, eram suficientes para povoar e enriquecer a existência, como ele desejava".

Annuaire ENS, 1962, p. 36-37.

Pierre Audiat

Nascido em Angoulême, em 15 de novembro de 1891
pai professor

"Conheci alguns parisienses da gema, cujo prazer cotidiano mais vivo era pegar esse jornal e ler primeiramente esse recado que 'de um extremo ao outro do Sul' levava aos quatro ventos - escrito de uma forma natural, aguda, precisa e nítida - o espírito desprendido, alado e sensato de Pierre Audiat. (...) Pierre Audiat tomou-se um de nossos romancistas mais originais, o criador e o mestre, acredito, do que poderia ser chamado o 'romance psicopatológico'.

(...) Na sua tese de 1924 (...), ele surpreendeu e quase escandalizou seu júri, que se inclinou, no entanto, diante de sua maestria jovem e brilhante.

(...) escritor nato, tendo essa arma brilhante, afiada, que se chama justamente estilo, e que considero um dos escritores do Ocidente e da França que, pelos seus escritos, manteve a maior fidelidade às tradições inteligentes de uma França orgulhosa e livre que ainda não está morta".

Annuaire ENS, 1962, p. 38-39.

Roger Pons

Nascido em Equeurdreville, em 28 de agosto de 1905
mãe professora primária, avós camponeses
professor de khâgne no liceu Louis le Grand

"A explicação desse sucesso único deve ser procurada numa abnegação perene. Grande humanista, Roger Pons punha-se a serviço dos textos e dos autores, aplicando-se, quer se tratasse de Pascal ou Diderot, de Claudel ou de Gide, a revelar-lhes a genialidade sem a eles se substituir, sem preocupar-se em surpreendê-los em falta, num clima de simplicidade e acolhimento. Juiz escrupuloso dos concursos de *agrégation*, inspetor, Roger Pons permaneceu professor, colocando sua experiência e seu conhecimento a serviço do ensino e dos professores.

(...) Roger Pons escreveu muito e, da mais curta nota ao mais desenvolvido ensaio, com um cuidado minucioso, atento à exatidão e à perfeição do pormenor, e sempre num estilo vigoroso, claro, emocionante. Era, no entanto, bom artesão que fabricava sem cessar o útil e o utilizável para os outros, devorado pelo trabalho, pelas amizades, pelos deveres, traído no fim pelo destino. Roger Pons somente ofereceu as aproximações, as preliminares, os esboços da grande obra de moralista e de crítico que trazia em si. O ascetismo universitário e a humildade cristã conjugados impediram-no (pois a virtude é, porventura, cruel e destruidora) de dizer o mais importante, o mais pessoal, implícito em toda a parte, jamais livremente revelado".

Annuaire ENS, 1962, p. 52-53.

Maurice Merleau-Ponty

Nascido em Rochefort-sur-mer, em 1908

pai oficial de artilharia

membro do júri do concurso de ingresso na *École normale supérieure*

“Ainda o revejo naquela época, com suas maneiras reservadas, seu jeito de ouvir com extrema atenção, suas respostas pertinentes e um pouco enigmáticas pelo silêncio que as envolvia; havia nele algo de aristocrático, uma distância que permitia a profundidade dos encontros.

(...) Maurice Merleau-Ponty era da raça dos grandes filósofos; em certo sentido continuava Alain e Bergson; sob outro aspecto estava próximo de J.-P. Sartre, e, como este, havia sofrido a influência de Husserl e de Heidegger”.

Annuaire ENS, 1962, p. 54-55.

Os excluídos do interior*

PIERRE BOURDIEU
PATRICK CHAMPAGNE

Tradução: MAGALI DE CASTRO
Revisão técnica: GUILHERME JOÃO DE FREITAS TEIXEIRA

Fonte: Bourdieu, Pierre e Champagne, Patrick, “Les exclus de l’intérieur”, publicado originalmente in *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 91/92, março de 1992, p. 71-75.

* Estas análises, mais particularmente dedicadas aos alunos dos liceus, são um prolongamento daquelas que foram apresentadas no último número de *Actes de la recherche en sciences sociales*.